

Editorial

AQUECIMENTO GLOBAL E SAÚDE

THE GLOBAL HEATING AND THE HEALTH

CALENTAMIENTO GLOBAL Y SALUD

*I*ronia das ironias, aqueles que primeiro se organizaram internacionalmente para defender de modo propositivo as questões ambientais, foram tratados como terroristas pelos governos de diversos países. Felizmente suas idéias conquistaram adeptos que hoje são numerosos, como numerosas devem ser as frentes de luta, tendo em vista a complexidade dessas questões. Nesse particular, a passagem da conscientização individual para a ação coletiva e a definição de políticas pelos diversos Estados-nação tem demorado décadas.

Precioso tempo foi gasto e algumas gerações de seres humanos assistiram à controvérsia quanto à responsabilidade humana sobre o aquecimento global e se sua ocorrência seria tão rápida que justificasse, em curto prazo, uma preocupação consistente. Só agora no início de 2007, mediante o Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas é que o alerta geral se fez. O aquecimento global é responsabilidade do homem. Por sua ação, vive-se uma perspectiva de agravamento da qualidade de vida para todas as espécies de seres vivos ou de desaparecimento de muitas delas, cuja tendência não se modificará em poucas décadas.

Historicamente a natureza foi dominada em uma perspectiva antropocêntrica. As questões ambientais estiveram sempre submetidas ao imediato bem-estar de grupos humanos cujos interesses mais imediatos, eticamente legítimos ou escusos, não levaram em consideração que o planeta Terra é um só e que tudo nele se interliga incondicionalmente. Pouco ou nada adianta uma preocupação agora quase tardia com o aquecimento global, se atitudes concretas em todos os níveis e em todas os ramos da ação e da omissão humana não forem ponto de honra e de defesa incondicional.

Como não pensar, refletir e agir sobre os desperdícios da água no mundo e em cada país? A disponibilidade desse produto não é uniforme no planeta, e por consequência disso o acesso a ele não está garantido a todos os seres vivos. Áreas geográficas extensas e milhares de pessoas não têm essa necessidade fundamental garantida de modo satisfatório, o que gera estresse significativo. Porque o desmatamento influi nas precipitações de chuvas e no nível dos lençóis subterrâneos, porque os córregos, rios e lagos continuam sendo poluídos, porque o desperdício de uns impede o uso racional pela maioria, entre outras razões, essa problemática por enquanto só tende a se agravar. Para o Brasil valem as mesmas reflexões, tendo em vista que as maiores reservas de água doce estão na Região Norte, justamente onde a população é menor e o inverso ocorre nas regiões mais populosas como o Sudeste e o Nordeste. Além do mais, em média, 40% de nossa água tratada é desperdiçada.

Por outro lado, o desmatamento sem controle e criminoso, a falta de políticas e programas públicos que determinem a obrigatoriedade do uso racional, do re-aproveitamento e da reciclagem de papel e de outros produtos originados do desmatamento, põe em cheque a inteligência humana, a sensibilidade das gerações atuais e de nossos governantes e gestores.

O mesmo se pode dizer sobre o desperdício dos mais diferentes gêneros alimentícios originados do cultivo da terra, pois, se isso ocorre, florestas nativas estão sendo desmatadas, as terras daí surgidas são cultivadas com espécies não nativas, usando-se agrotóxicos, sem uma finalidade clara, já que o desperdício da produção é patente. O desmatamento para abrigar a pecuária intensiva e geradora de produtos alimentícios também fartamente desperdiçados, onera duplamente o planeta com a produção de gás carbônico, pelo desmatamento inicial e pela ruminância dos animais.

A cultura da descartabilidade também precisa ser urgentemente revista. Utensílios e equipamentos descartáveis, enquanto produtos da indústria, consomem energia preciosa, cujas fontes estão se esgotando. Como retornam ao ambiente constantemente e em larga escala, são fonte de poluição das mais malélicas ao ambiente, tendo em vista o longo tempo que levam para serem novamente integrados à natureza.

Estudiosos estão a indicar que, em permanecendo o atual padrão de consumo e de desperdício, o planeta Terra não dispõe de condições e recursos naturais para atender a demanda que pesa sobre ele nem conseguirá recompor seu potencial de abrigo seguro da vida. Outros dois planetas com as mesmas características seriam necessários. Obviamente não há essa disponibilidade. O planeta único no universo, até prova em contrário, capaz de gerar a vida tal como a conhecemos e de mantê-la, está prestes a se tornar inviável.

Embora haja controvérsias sobre o ritmo e a intensidade com que o aquecimento global vai continuar se agravando, seus efeitos já são visíveis e sensíveis tanto para os indivíduos quanto para as coletividades. Fenômenos meteorológicos extremos e catástrofes naturais, tempestades e vendavais, inundações por chuvas torrenciais, pela elevação progressiva do nível dos oceanos. Secas mais frequentes e mais demoradas. Crescente escassez de alimentos e de água. Conflitos pela posse da água. Agravamento de conflitos por posse de terras distantes do litoral e ao abrigo do avanço dos oceanos. Refugiados ambientais. Aumento das migrações. Aumento das doenças diretamente relacionadas com o aquecimento das águas como dengue e malária. Aumento das doenças relacionadas com a escassez e com a má qualidade da água como as diarreias e diversos tipos de infecção. Qualidade de vida e saúde estão, portanto, ameaçadas.

Como o quadro que se desenha tem cores sombrias, todos os seres humanos devem dele se ocupar com atitude propositiva, mormente aqueles da área de saúde, por razões óbvias, já que os efeitos do estresse ambiental sobre os coletividades serão cada vez mais visíveis, tanto física quanto psicologicamente. Cada indivíduo tem papel de destaque, defendendo a vida, patrimônio de todos. Na perspectiva coletiva, muitas pressões devem ser exercidas sobre os governantes pela definição e implementação de políticas de adaptação e de convivência com os extremos climáticos. Além de rigor na política de redução das emissões, outras políticas devem ser elaboradas ou reformuladas. Deve ser reformulada a política ambiental, a matriz energética dos países, a política agrícola, bem como de ciência e tecnologia para que sejam desenvolvidos estudos de ponta para prever os efeitos específicos do aquecimento sobre as diversas regiões do mundo, algo como o mapa das vulnerabilidades, e para apontar formas de convivência com tais efeitos.

MARIA DE NAZARÉ DE OLIVEIRA FRAGA
Membro do Conselho Editorial